

**RESENHAS | FRIEDBERG, M.; NEVE, M.; RAMÍREZ, R. (orgs.)**

**CLAUDE RAFFESTIN: TERRITORIO, FRONTERA, PODER**

Barcelona: Icaria editorial, 2018, 304 p.

**Ricardo José Nogueira\***

Universidade Federal do Amazonas

Autor consagrado no Brasil desde a publicação de seu livro *“Por uma Geografia do Poder”* (1993), sendo uma das principais referências estrangeiras sobre Geografia Política, Raffestin foi recentemente homenageado com uma publicação sobre sua vida e obra. O livro *“Claude Raffestin – Territorio, Frontera, Poder”* – publicado pela Icaria Editorial na série *Espacios críticos*, em outubro de 2018 – foi organizado pelos professores Marcella Schmidt di Friedberg (Universidad de Milan-Bicocca), Mario Neve (Universidad Campus de Rávena) e Rosa Cerarols Ramírez (Universitat Pompeu Fabra de Barcelona) e está dividido em cinco capítulos, além da introdução.

Na introdução, os organizadores falam de seus primeiros contatos com Raffestin: Marcella Friedberg, ainda estudante de Geografia em Milão, na década dos oitenta, assistiu a uma conferência de Raffestin e, anos depois, em 2005, reencontraria o mestre num evento em que ela organizou em Milão, intitulado *Elisée Reclus, naturaleza y educacion*, para comemorar os cem anos de morte do geógrafo anarquista.

Já Mario Neve aponta que conheceu o mestre através de Franco Farinelli<sup>1</sup>, numa turbulenta seção do Congresso Geográfico Italiano de Turin, em 1986. Porém, foi somente no final dos anos noventa que sua ligação se tornou mais profunda, através dos colóquios, eventos, seminários, congressos, publicações etc., permanecendo até os dias atuais. No entanto, o que mais o marcou e influenciou, foi

a impossibilidade de separar o pensamento de Raffestin de sua figura pública, visto que este não tolerava a espetacularização da cultura, o racismo de qualquer procedência, as injustiças, as desigualdades, sendo notável a sua profunda honestidade intelectual, além de sua repleta humanidade.

Rosa Cerarols conhece Raffestin na ocasião da entrevista para a organização do livro, em 2014, quando o mesmo estava de boina e gabardine, passeando pelas ruas de uma Turin sob chuva, falando ora em francês, ora em italiano, além de algumas frases em espanhol. Na sequência, os autores discorrem sobre como a obra está organizada, a seleção dos textos escolhidos, a recepção das obras de Raffestin na Espanha e sua participação em eventos e diversas publicações.

O primeiro capítulo é de autoria de Marcella Friedberg, intitulado *“Trajetória intelectual: a busca do sentido da Geografia”*. A autora começa escrevendo sobre a vida de Raffestin, que nasceu em Paris, em 1936, sendo, portanto, segundo ele próprio, “um filho da guerra”. Ela continua relatando que os avós de Raffestin o levaram para uma estação de trem vestido de menina, pois havia rumores de que os alemães, entrando na cidade, matariam todos os meninos. Ele vive em Paris até os 14 anos, quando segue para Genebra, para viver com sua mãe e seu padrasto. Marcado pela guerra, Raffestin afirma que nunca se sentiu em casa em nenhuma das três cidades em que passou boa parte de sua vida: Paris, Genebra e Turin, sendo o sentimento de apego e de pátria, para ele, conceitos intoleráveis. Quando os entrevistadores

<sup>1</sup> Ver resenha de Licio Caetano do Rego Monteiro do livro de Farinelli nesta revista v.17, nº 35, 2015.

pedem para que ele indique um lugar importante em sua trajetória, ele indica Bodrum, antiga Halicarnaso – pois lá experimentou paisagens além da mera percepção, sendo ela, portanto, fundamental para sua reflexão sobre este conceito chave no pensamento geográfico.

Depois de sua graduação em Ciências Geográficas, em 1959, Raffestin começou a lecionar diferentes matérias, inclusive Geografia, nas escolas secundárias de Genebra. Concluiu seu doutorado em 1968, com o título “Genebra: ensaio de geografia industrial”, sob orientação de Paul Guichonnet. Já na Universidade de Genebra, foi diretor do departamento de Geografia entre 1978 e 1984; depois dirigiu o Centro Universitário de Ecologia Humana e foi vice-reitor de 1997 a 2000. Ocupou, também, diversos cargos públicos e participou de comissões de planejamento em Genebra. Recebeu numerosos prêmios por sua atuação intelectual, sendo destaque o “*Prix Quadriennal de la Ville de Geneve*”, em 2003. Sua atuação política, por outro lado, começa com a aproximação ao movimento da Juventude Comunista, com quem rompe em 1956, após a invasão russa sobre a Hungria. Nunca se filiou a partido político, porém, nunca deixou de denunciar as injustiças sociais. Nutre grande simpatia pelos geógrafos anarquistas Kropotkin e Eliséé Reclus.

Raffestin reclama da carência teórica da geografia, sendo uma das menos críticas disciplinas das ciências humanas. A crise da Geografia o coloca muito próximo do *Groupe Dupont*, agregado de geógrafos que procura novas formulações, dentre eles Roger Brunet. Tal aproximação dá origem aos *Colloques Geopoint*, voltado aos jovens geógrafos, sendo o primeiro realizado em Genebra<sup>2</sup>, em 1976, com o tema Teoria da Geografia. Sua preocupação com a territorialidade começa nos anos setenta e culmina na publicação da obra *Por Uma Geografia do Poder*, em 1980. Com ela, rompe com os expoentes da geografia francesa, principalmente Yves Lacoste e Paul Claval<sup>3</sup>. Isto produz o isolamento de Raffestin!

O segundo capítulo é uma transcrição da entrevista dos organizadores com Claude Raffestin, na qual fala de sua infância marcada pela guerra, lembrando os episódios produzidos pela polícia alemã; comenta, igualmente, a influência da Linguística em sua formação, principalmente os trabalhos de Roland Barthes, Umberto Eco e Luis Prieto. Deste último, aprendeu a centrar-se mais nos fatos geográficos que nos conceitos linguísticos. Quando perguntado como chegou à

Geografia, ele responde dizendo que esta o colocou diante de um problema que era o fato de ser mais descritiva, nada teórica e pouco rigorosa. Uma outra pergunta dos organizadores do livro foi a respeito de sua relação com a língua anglo-saxônica e a hegemonia desta em nível internacional; sua resposta foi que, para ele, não há dúvida de que é um grave erro, em ciências humanas, abandonar nossas línguas nacionais, pois cada língua é um referencial objetivo e subjetivo que nos permite apreender primeiro as coisas por nós mesmos e, em seguida, as próprias coisas. Raffestin foi um dos introdutores do pensamento de Foucault na Geografia e, apesar de ter custado caro a ele, sobre tal fato afirmou que sua motivação foi uma frase de Foucault a respeito das ciências humanas, dizendo que ela é uma “caixa de ferramentas”, no sentido de elaboração de conceitos.

Ao ser perguntado sobre a polêmica que gerou com sua obra “*Por uma geografia do poder*”, Raffestin responde o seguinte:

nos anos setenta eu estava muito próximo de Lacoste e que havia até escrito artigos para a *Hérodote*, mas quando publiquei o livro, ele me viu como um concorrente perigoso. Pensou que eu queria criar uma escola, pensou que eu ia anular toda uma parte de sua geografia e geopolítica [...] passou a ser muito agressivo. De fato, todos que faziam um pouco de geografia política atuaram com agressividade [...] diziam aos estudantes para não lerem o livro. [...] Depois de trinta e três anos não se encontra o livro. No Brasil, seguem utilizando o livro para algumas coisas, mas não só no Brasil, na Itália também<sup>4</sup>.

Sobre o modelo T-D-R (territorialização-desterritorialização-reterritorialização), afirma que é uma maneira simples de explicar a ideia de processo e que sua compreensão passa pela noção de escala em função dos conteúdos informacionais e conforme as condições do contexto.

Perguntado sobre as críticas que fazem a ele pelo fato de não ter criado uma escola, Raffestin responde que a crítica não faz sentido, pois criar uma escola de pensamento implica em você gostar de mandar, e ele diz que não gosta de mandar! Ele afirma que encontrou seu caminho científico sozinho e que cada um deve encontrar o seu caminho; e mais: ele não se considera suficientemente importante para pensar em criar uma escola.

No decorrer da entrevista, fala sobre o método e dá uma definição de Geografia elaborada em conjunto com Luis Prieto, em que a Geografia seria a “explicitação do conhecimento e da prática que a humanidade tem de sua

<sup>2</sup> Raffestin diz que este colóquio foi realizado em Genebra porque na França não havia espaço para discussão entre os jovens geógrafos (ver p.271).

<sup>3</sup> Ver comentário de CLAVAL, Paul (1983) em *Political Geography Quarterly*, 2 (1); pp. 93-94.

<sup>4</sup> Ver entrevista de Marcos Aurélio Saquet com Claude Raffestin em *Revista Formação*, 15 (1); pp.1;15.

realidade material. A Geografia não é o estudo do espaço, é o estudo das relações das pessoas com o espaço”. Finaliza a entrevista dizendo que sua preocupação atual é, na falta de uma melhor expressão, a ‘anti-geografia’, ou seja, aquela geografia oculta da qual pouco ou nada se fala por falta de informação, e dá como exemplo os “papéis do Panamá”, isto é, os fluxos financeiros invisíveis que geram grandes efeitos desconhecidos; também os movimentos ocultos nas fronteiras.

O terceiro capítulo reúne artigos escritos por Claude Raffestin ao longo de sua carreira, já publicados em diversos periódicos, e que aqui listamos: a) *Problemática e explicação em Geografia* (1976), no *Geopoint 76*, em que o autor dialoga com a linguagem da quantificação em geografia; b) *Territorialização, desterritorialização, reterritorialização e informação* (1984), numa coletânea dirigida por Angelo Turco, intitulada *Regione e Regionalizzazione*. Neste artigo, cuja referência maior são os filósofos Deleuze e Guattari, Raffestin procura deixar claro que a territorialização resulta de um conjunto de relações codificadas e que qualquer variação na informação pode produzir mudanças. A desterritorialização seria o abandono do território ou supressão de limites, fronteiras; e a reterritorialização pode realizar-se em qualquer coisa, sobre o espaço, a propriedade, o dinheiro, podendo ser uma descodificação; c) *Considerações para uma teoria da fronteira* (1986), publicado no periódico *Diogenes*, 34 (134). Aqui o autor traça a trajetória da noção de fronteira mostrando que esta ideia de linearidade é muito recente e aparece com o Estado moderno, quando as regras de seu estabelecimento se tornam precisas, com a delimitação e a demarcação produzindo estabilidade; d) *As territorialidades alpinas ou os paradoxos do diálogo natureza-cultura* (1989), em que a invenção da montanha deixa de ser um lugar de medo para ser um lugar referente de pureza dos costumes, da boa moral e do sublime; seguem os artigos: e) *A Capital é a expressão da semiosfera nacional ou o lugar da encenação do poder?* (1993), publicado no livro *Capital cities*, organizado por John Taylor e Caroline Andrew, é um debate sobre a fixação ou mobilidade desta cidade distinta, carregada de ritos e símbolos; f) *E se o discurso da Geografia Humana só fosse a história do exílio?* (1995), publicado no periódico *Geotema*, 1, 1995; g) *Foucault poderia revolucionar a Geografia?* (1997), publicado no livro *Au risque de Foucault*, organizado por Dominique Franche, Paris: Centre Georges Pompidou. Raffestin comenta seu encontro com as obras de Foucault, de onde retira as discussões ligadas ao poder e afirma que o método de Foucault poderia, sim, ter revolucionado a Geografia, preocupando-se mais com as relações do que com

as morfologias; h) *Reinventar a hospitalidade* (1997), publicado em *Communications*, 65, discute relações de passagem entre exterioridade e interioridade, em que a existência de uma autorização ou convite remete a ultrapassar um limite sem violência, ou seja, a hospitalidade, o acolhimento, a essência na relação com o Outro; i) *Os paradoxos da Paisagem* (1998); j) *Turin, a capital paradoxal* (2004).

O quarto capítulo traz um texto inédito, intitulado *“Elementos sobre os fundamentos da Geografia ou o ensaio de identificações da geograficidade”*, em que Raffestin procura definir geograficidade, afirmando existir uma geograficidade da representação e outra da ação, sendo que ambas estão ligadas, uma vez que não há ação sem representação prévia; a geograficidade ajuda a entender o modo de existência do ser humano na Terra que se expressa na paisagem, uma representação por excelência. Apoiando-se neste em Eric Dardel, que foi buscar na filosofia alemã o fundamento para compreender a presença originária do sujeito na Terra. Já para esclarecer a geograficidade da ação, recorre à Reclus que, embora não tenha se utilizado da expressão, aponta que a geografia, assim como uma moeda, possui duas caras: num dos lados estão os dados, a morfologia, e do outro estão os desenvolvimentos decorrentes da cultura dos seres humanos. Raffestin também coloca novos problemas para a geografia quando defende uma ‘geografia sem adjetivos’, pois, segundo ele, a “multiplicação das geografias” revelaria uma debilidade<sup>5</sup>.

O último capítulo é de autoria de Mario Neve, intitulado *“An der Grenze<sup>6</sup>, variações sobre um tema de Claude Raffestin”*. Aí o autor destaca a importância da noção de Limite ao longo de toda a trajetória intelectual de Raffestin; também a noção de Relação, uma vez que esta não se vê – existe e vive-se; e, enfim, a noção de escala.

<sup>5</sup> Urbana, Rural, Agrária, Política, População, Transporte, Saúde, etc.

<sup>6</sup> Na fronteira, em alemão.